

O PROTAGONISMO DA EDUCAÇÃO FRANCISCANA NO BRASIL COLONIAL
THE LEADING ROLE OF FRANCISCAN EDUCATION IN COLONIAL BRAZIL

Me. Maria do Carmo Gonçalves da Silva Lima

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Dr. Célio Juvenal Costa

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a atuação protagonista da Ordem Franciscana no campo educacional colonial brasileiro. A Ordem Franciscana esteve presente em vários momentos da história dos descobrimentos, inclusive do Brasil e aqui realizou sua atividade evangelizadora e educativa. Com a chegada de Pedro Álvares Cabral, em território brasileiro, os franciscanos também vieram com o objetivo de propagação da fé cristã entre os nativos. Estabeleceram na principal colônia portuguesa, conventos, capelas e escolas, onde praticaram métodos de ensino que foram incorporadas às práticas pedagógicas posteriores. Esta pesquisa analisa a educação franciscana a partir da bibliografia, a fim de compreendê-la com base no processo de transformação social do Brasil à época colonial. Por meio do estudo dos documentos é possível verificar o conceito de educação elaborado pelos franciscanos, que consistia na formação de um perfil de homem que reproduzisse os valores cristãos. Assim, este estudo destaca a história da educação brasileira em sua origem, a partir da cristianização dos povos indígenas, pela atuação dos frades franciscanos.

Palavras-chave: Educação. Franciscanos. Brasil Colonial.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the protagonist performance of the Franciscan Order in the Brazilian colonial educational field. The Franciscan Order was present at many moments in the history of the discoveries, including Brazil where it carried out its evangelizing and educational activity. With the arrival of Pedro Álvares Cabral in Brazilian territory, the Franciscans also came with the aim to spread the Christian faith among the natives. They established in the main Portuguese colony, convents, chapels, and schools, where they practiced teaching methods that were incorporated into later pedagogical practices. This research analyzes Franciscan education through bibliography to understand it based on the process of social transformation of Brazil in the colonial era. Through the study of the documents it is possible to verify the concept of education elaborated by the Franciscans, which consisted in the formation of a profile of man who reproduced Christian values. Thus, this study highlights the history of Brazilian education in its origin, from the Christianization of indigenous people, by the Franciscans performance.

Keywords: Education. Franciscans. Colonial Brazil.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a educação franciscana no Brasil Colonial, que nos leva ao entendimento das origens do processo educacional brasileiro. O objetivo é analisar a atuação dos franciscanos no campo da educação colonial. Para situar essa temática é preciso compreender que a educação assumiu características europeias graças à colonização do Brasil pelos portugueses que, ao desenvolver suas atividades econômicas e colaborar para o processo de transformação da sociedade nativa, também atuaram na formação dos índios segundo os princípios que acreditavam corretos.

Portugal e Espanha, pioneiros a se lançarem às grandes navegações marítimas, apresentavam atividades econômicas que se distanciavam do medievo, a exemplo do comércio marítimo. Nos séculos XIV e XV, os portugueses exploraram o Atlântico em busca de riquezas e, como consequência, resultou no descobrimento do Brasil, em 1500, quando a esquadra de Pedro Álvares Cabral aportou em terras brasileiras, encontrando a população nativa¹.

Aliada à história da educação no Brasil, está a história da Igreja Católica e os religiosos que aqui se estabeleceram com o objetivo de propagação da fé cristã². Ainda que predomine o pensamento educativo dos jesuítas, no início da colonização, verificamos a presença de missionários anteriores aos jesuítas, que aqui chegaram com objetivos religiosos, mas com outra experiência educativa: a educação franciscana (MIRANDA, 1969).

O protagonismo da atuação franciscana no campo educacional colonial brasileiro é considerado pela historiografia como uma eventualidade, sendo pouco discutido e pouco analisado. Verifica-se, porém, que a atuação dos franciscanos foi intensa, e de grande contribuição na formação educacional do Brasil. Nas tribos a que tiveram acesso, os franciscanos foram os responsáveis pelos primeiros passos no encaminhamento da cristianização e educação dos nativos. Para cumprir esse objetivo, construíram estabelecimentos de ensino nos diversos locais onde se instalaram. No Convento de Olinda (1585), por exemplo, os franciscanos fundaram um educandário para os filhos dos índios, onde eram instruídos na leitura, escrita, canto e música. Esse sistema de ensino foi estabelecido nas diversas capitanias onde os frades construíam escolas junto à capela ou à residência dos missionários.

Ao longo do período Colonial, os franciscanos praticaram diferentes níveis de ensino, tais como: as escolas de primeiras letras e de artes e ofícios, oferecidas aos índios e ao povo em geral; o ensino secundário e superior para seculares e a formação e estudo dos frades menores (MIRANDA, 1969).

Ao verificarmos a presença dos franciscanos na colonização do Brasil, podemos questionar: como se deu a educação franciscana e qual sua influência para o Brasil Colônia? Para responder o problema proposto realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental em sites, dissertações, teses e artigos. Para compreensão da educação nesse período, buscamos a fundamentação teórica em Miranda (1969), Gruzinski (1999), Gândavo (2004), Sangenis (2006), entre outros, que nos auxiliaram a entender a concepção de educação para os franciscanos.

Para a análise do problema educativo, privilegiamos um estudo a partir do processo de transformação social que resultou na vinda dos portugueses e sua consequente atuação no Brasil. As atividades desempenhadas pelos colonizadores alteraram o modo de vida dos nativos, pois a eles foram transmitidos novos costumes e padrões educativos advindos da cultura europeia. Por meio do estudo das fontes, é possível compreender as mudanças que se processaram e o papel da educação na formação de um novo homem que correspondia às necessidades econômicas e ideológicas do colonizador.

Assim, pretende-se que esta pesquisa contribua para o campo educacional ao conhecer a formação da sociedade e da educação brasileira no período Colonial. Além disso, também procura contribuir para uma análise da história da educação brasileira, buscando, em suas fontes, o entendimento da formação das atividades e princípios educacionais em sua origem.

No cumprimento desse objetivo, este texto está dividido em três seções: a) As Grandes Navegações Marítimas, destacando a primazia de Portugal no expansionismo das navegações; b) A Colonização e a presença

¹ Estima-se que havia cerca de 5 milhões de nativos. (<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/indios-o-brasil-antes-do-descobrimento.htm>)

² Os primeiros Franciscanos chegaram ao Brasil em 22 de abril de 1500, com Pedro Álvares Cabral (JABOATÃO, 1858, p. 3). De acordo com Sangenis (2006, p. 23), os jesuítas chegaram em 1549.

franciscana, analisando o papel dos frades que desembarcaram com Cabral; c) A concepção de homem e de educação elaborada pelos franciscanos.

Portanto, esta pesquisa traz a possibilidade de compreender melhor o passado educativo, para análise das mudanças que aconteceram e que contribuíram para formação do presente.

2 AS GRANDES NAVEGAÇÕES MARÍTIMAS

Os franciscanos estiveram presentes no Brasil desde as primeiras navegações. O expansionismo das navegações está relacionado ao contexto de mudanças de Portugal, na transição entre a medievalidade e a modernidade. A chegada dos portugueses no continente americano está associada a vários fatores. O primeiro deles é o fato de que os portugueses dispunham de grande experiência na pesca em alto-mar. Parte do território português está voltada para o Oceano Atlântico, e isso trouxe facilidades para que distanciassem da costa atlântica. Essa posição geográfica tornou Lisboa um importante centro comercial. O mar que banha a costa portuguesa é rico em peixes, e desde a alta Idade Média os portugueses pescavam ao largo da costa do Marrocos (BOXER, 2002).

Nos séculos XV e XVI, o continente europeu passou por transformações econômicas, políticas, religiosas, sociais e culturais que apontavam para o declínio do sistema feudal que se iniciara desde a baixa Idade Média. O desenvolvimento de novas práticas econômicas e políticas criaram as bases para “o primeiro movimento do que veio a ser o moderno imperialismo europeu, que surgiu numa sociedade em retração” (JOHNSON, 1998, p. 241). As guerras, a Peste Negra, a baixa rentabilidade da terra, o abandono de terras juntamente com o despovoamento de cidades e aldeias assolaram quase toda a Europa, privando as camadas superiores (membros da nobreza) de seus recursos econômicos. Outro aspecto que impulsionou as expedições foi à carência de moedas e a escassez de recursos metálicos. Para sobreviverem à crise, os membros da nobreza se lançaram em expedições em busca de novas fontes de renda. Como explica Del Roio (1998, p. 34):

A própria dinâmica da ordem feudal, potencialmente desagregadora, gerou a partir de princípios do século XIV uma crise dramática e irreversível. Expressões dessa crise é a escassez relativa de alimentos, de terras férteis, de moeda (que gerava inflação) e de força de trabalho submetida à servidão de gleba. Esse quadro de generalizada escassez explica-se pelo lento declínio da taxa de crescimento demográfico diante do aparecimento de epidemias que, associadas a limites técnicos, fizeram diminuir a colheita e a área agrícola, assim como a atividade artesanal e comercial das cidades.

A ocupação de Ceuta em 1415, pelos portugueses, marca o início dessa nova empreitada. A conquista desse novo território trouxe recursos para o comércio, a exemplo do ouro, seda, marfins e escravos. Os lusitanos, porém, não conseguiram expandir seu domínio no território marroquino porque os muçulmanos exerceram forte resistência, e a população portuguesa era pequena e não possuía recursos militares suficientes para combatê-los.

Diante disso, os portugueses desviaram o foco para a costa da África, onde quase não havia resistência. Essas viagens marítimas os colocaram em contato com as ilhas do Atlântico, de Madeira, Canárias, Açores e Cabo Verde, que foram tomadas por Portugal e, mais tarde, passaram para a esfera espanhola. A conquista dessas ilhas beneficiaria os portugueses no projeto ultramarino (JOHNSON, 1998).

Os empreendimentos marítimos foram respaldados pela Igreja, que via possibilidades de expansão da fé cristã, e pelo Estado. Em 3 de maio de 1493, o papa Alexandre VI, assinou a Bula *Inter Coetera*, concedendo a Castela a posse de todas as terras que ficassem a 100 léguas de Cabo Verde, descobertas ou por descobrir. Esse fato quase suscitou uma guerra entre Portugal e Castela. O rei de Portugal D. João II, não aceitou a validade desse documento e, em 1494 foi firmado um novo tratado. Com a assinatura do Tratado de Tordesilhas, o Novo Mundo, descoberto por Cristovão Colombo em 1492, foi dividido em dois hemisférios por um meridiano que passava a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde (BUENO, 1998).

Segundo Gruzinski (1999), Lisboa se sobressaiu como base da primeira expansão marítima europeia para a África e a Índia, pois ambicionava chegar às Índias para exploração comercial. Porém, enfrentava dificuldades na navegação à vela no Golfo da Guiné. Em 1487, Bartolomeu Dias chega ao extremo sul do continente africano, descobrindo o cabo das Tormentas, que ele mesmo rebatiza como o cabo da Boa Esperança. Em 1498, Vasco da Gama chega à Índia e conquista Calicute, uma rica cidade indiana.

Com o sucesso da viagem de Vasco da Gama, o rei de Portugal organiza uma esquadra bem maior, liderada por Pedro Álvares Cabral, para construir fortalezas em Calicute e trazer muitas riquezas da Índia. Os portugueses não descuidavam da extensão do Atlântico que o Tratado de Tordesilhas lhes outorgara. Em 9 de março de 1500, Cabral parte de Portugal com destino à Índia, passando pela costa do Brasil para demarcar esse território antes que algum navegante do rei da Espanha o fizesse (GRUZINSKI, 1999).

Segundo uma concepção tradicionalmente aceita, a descoberta do Brasil foi o resultado de um acidente. Os navegantes estando em alto mar, foram surpreendidos por um temporal que lhes desviou da rota para as Índias. Tendo se afastado da rota original, as naus chegaram a Porto Seguro (GÂNDAVO, 2004). Porém, há polêmicas quanto à casualidade do descobrimento, pois o Tratado de Tordesilhas evidencia que havia uma certeza quanto à existência de terras ao Ocidente e, ainda, é improvável que Cabral sendo um navegador experiente e acompanhado por marinheiros experimentados, bússola e uma frota com treze caravelas se perdesse no Oceano Atlântico (LOPEZ, 1997). Hue e Menegaz (1576 apud GÂNDAVO, 2004, p. 42-43) afirmam que:

[...] em 1979, o comandante Max Justo Guedes observou que a descrição que Caminha faz do monte Pascoal só seria possível a partir de uma aproximação feita pelo quadrante sudeste, contrariando as teorias que defendem que a esquadra de Cabral afastou-se da rota devido à corrente equatorial, pois isso teria levado as naus para bem mais ao norte, e não à região de Porto Seguro. É opinião de muitos autores que D. Manuel sabia da existência de terras no hemisfério sul e que teria dado instruções secretas a Pedro Álvares Cabral para averiguar a nova terra.

Assim, o objetivo dos colonizadores não estava na colonização da nova terra, mas nas terras que estavam além destas e, portanto, não houve intencionalidade no descobrimento do Brasil para colonizá-lo (PRADO JÚNIOR, 1990). O povoamento da nova terra só aconteceu de fato, quando os demais europeus (franceses, holandeses) adentraram no novo território, e os portugueses perceberam que estavam perdendo terreno. Os lusitanos viram que o ambiente brasileiro era propício à produção de açúcar e, assim, seria grande fonte de lucro.

A colonização do Brasil pelos portugueses foi motivada também por prioridades espirituais, pois a igreja católica almejava expandir sua doutrina e fiéis com a conversão dos nativos.

De acordo com Johnson, ao interpretar o padre jesuíta Antônio Vieira, o processo de colonização do Brasil fazia parte do desígnio de Deus, de permitir que todos os povos do mundo conhecessem a verdadeira fé. Por isso, acreditava-se que as “descobertas” tinham sido obra do próprio Deus, sendo considerado o maior acontecimento da história da salvação depois da criação do mundo e do advento de Cristo (JOHNSON, 1998).

Em face das necessidades econômicas e espirituais do descobrimento, os franciscanos ocuparam um lugar de destaque nas expansões ultramarinas, por seu espírito liberal, de grande compreensão e tolerância, sua empatia para com os sofredores, pela necessidade de formarem uma religião para o povo, pois seu maior desejo era de fundar pelo amor, a comunidade de todos os seres da criação (SANGENIS, 2006).

3 A COLONIZAÇÃO E A PRESENÇA DOS FRADES FRANCISCANOS

Diante da expansão do comércio ultramarino, os descobrimentos articularam-se como consequência do alargamento das novas fronteiras. Juntamente com os descobridores e colonizadores que aqui chegaram, estavam os missionários católicos, que tinham como objetivo a disseminação da fé cristã entre os povos nativos, estabelecendo o primeiro contato dos índios com a educação europeia. No processo de colonização do Brasil, os franciscanos foram os protagonistas para a configuração do campo educacional brasileiro.

A Ordem dos Frades Menores, *Ordo Fratrum Minorum*, foi fundada por Francisco de Assis e teve a aprovação do papa Inocêncio III, entre 1209 e 1210³. É também conhecida como Ordem Franciscana, tendo

³ Francesco Bernardone nasceu entre 1181 e 1182, na cidade de Assis, Itália. Filho de comerciantes abastados, Pedro Bernardone e D. Pica, abandonou todas as riquezas para seguir um novo estilo de vida, semelhante a de Jesus. Seu maior desejo, conforme as próprias palavras foi o de abandonar o mundo e deixar que o Senhor o conduzisse para entre os pobres (AGUIAR, 2010, p. 19). Segundo a tradição, Francisco de Assis, o fundador da Ordem, deixou tudo o que possuía para viver entre os pobres, como afirma em seu próprio Testamento: “Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que

instituição jurídica própria, porém ligada à potestade papal. Os frades franciscanos se dedicaram prioritariamente à ação missionária, especialmente em ambientes cuja demanda de conversão se fez necessária (IGLESIAS, 2010).

Os franciscanos tiveram presença destacada no ensino, tomando parte nas empresas de expansão marítima. Espalharam-se não só no continente, mas por toda orla do mar, nas ilhas do Atlântico que se descobriram, e nas terras da Guiné. Destacaram-se não apenas pelo expressivo número de membros espalhados mundo afora, mas pelo tipo de presença influenciadora, especialmente sobre a presença popular na Europa e no Ultramar (SANGENIS, 2006).

Na descoberta do “Novo Mundo”, coube a Ordem Franciscana a missão de evangelizar os povos conquistados, pois, de acordo com Iglesias (2010, p. 2),

A Ordem franciscana contribuiu tanto com autoridades do campo espiritual como secular para a missão evangelizadora cristã católica; especializou-se na tarefa missionária não só pela práxis, mas, sobretudo, pela preparação intelectual para as Missões em instituições criadas para esse fim; seus membros tiveram respeitável participação na obra de recristianização da Península Ibérica durante o processo de reconquista daquele espaço europeu perdido para os árabes; os frades do ramo da reforma Observante consolidaram sua hegemonia dentro da Ordem sobre o ramo conventual na fase final da reconquista da Espanha para a qual colaboraram decisivamente; os frades franciscanos Observantes foram os responsáveis pela direção da reforma das Ordens religiosas e do clero em geral estabelecida pelos Reis Católicos na Espanha; foram os primeiros a conduzir um projeto missionário colonizador sob o comando da Coroa Espanhola nas Ilhas Canárias; foram escolhidos pela Santa Sé e pela Coroa Espanhola para a direção das Missões americanas no período inicial de colonização desse território; foram os frades franciscanos derivados da reforma Observante espanhola que se estabeleceram na missão oficializada da Ordem no Brasil.

Assim, os primeiros missionários a chegarem ao Brasil foram os franciscanos. Frei Henrique Soares de Coimbra, que veio com Cabral em 1500, era franciscano do Convento de Alenquer, da Observância de Portugal, foi quem celebrou a primeira missa no Brasil, em 26 de abril de 1500. Com Frei Henrique vieram também Frei Gaspar, Frei Francisco da Cruz, Frei Simão de Guimarães, Frei Luiz do Salvador, todos os quatro eram pregadores; Frei Masseu, sacerdote organista e músico; Frei Pedro Neto, corista; e Frei João da Vitória, irmão leigo (MIRANDA, 1969).

Frei Jaboatão refere em sua *Crônica Novo Orbe Seráfico Brasília*, que os nativos receberam os novos hóspedes com admiração e sem temor. Participaram da cerimônia religiosa prestando devoção e realizando os ritos que os católicos faziam durante a missa. Isso trouxe grande confiança para os frades, pois acreditavam que teriam sucesso na pregação da fé cristã, quando adentrassem no território indígena. A três de maio de 1500, os frades fincaram uma cruz sobre um pequeno monte, em agradecimento pela terra descoberta. O capitão da expedição deu-lhe o nome de Província de Santa Cruz.

[...] sendo assim, entre todas as Ordens de Religiosos, os primeiros que não só descobriram, e pisaram a terra do Brasil e Novo Mundo; mas também os que a santificaram, primeiro que todos, com o tremendo Sacrifício do Altar; eles os primeiros que semearam nela, e plantaram a semente da Pregação Evangélica (JABOATAM, 1858, p. 8).

Os primeiros franciscanos que chegaram ao Brasil, não permaneceram aqui por muito tempo, pois logo a caravela partiu para a Índia, levando-os para outra missão. Em 1503, por ordem de D. Manuel, foram enviados mais frades menores ao Brasil, para expansão do império e da fé cristã. Esses frades aportaram em Porto Seguro, onde fixaram residência, e aí ficaram por dois anos até serem mortos.

De acordo com a pesquisadora Miranda (1969), a morte desses religiosos indica os conflitos e tensões no processo de evangelização, e a incompatibilidade que havia entre o ensino dos frades e o que era praticado pelos colonos. Os nativos viam os missionários como homens nobres que os respeitavam e não lhes faziam mal. Diversamente, estas não eram as mesmas atitudes dos lusitanos que exploravam, matavam e aprisionavam os nativos.

antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo. E depois disto demorei só bem pouco e abandonei o mundo” (FRANCISCO, 1225).

A presença dos franciscanos no Brasil não foi pacífica. As desavenças entre os missionários e os portugueses se agravaram devido ao modo como os colonizadores tratavam os indígenas. Essa divergência resultava dos objetivos diferentes que cada um desses grupos apresentava: os franciscanos atuavam para convertê-los e os colonos para explorar a força de trabalho.

Os frades entendiam que a melhor maneira de cativar os nativos era ensinar-lhes um ofício, como o cultivo do solo, sendo conquistados pelo amor e não pelo ferro. Pois, quando aceitavam os ensinamentos que lhes eram transmitidos e viam os próprios lusitanos se afastarem dos preceitos de Deus, se sentiam enganados e logo voltavam aos antigos costumes (MIRANDA, 1969).

Na obra de Frei Manuel da Ilha "Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil: 1584-1621" (1975), o autor destaca o trabalho dos missionários na cristianização dos nativos e as dificuldades enfrentadas junto às tribos que não aderiam à pacificação. Os frades desempenharam um papel de intenso desprendimento em uma vida de austeridade, para que, através do exemplo, pudessem conquistar a confiança dos nativos para ensinar-lhes as virtudes cristãs.

Assim, esses missionários serviam para dar um mínimo de condições humanas para os índios e para enlevar a vida espiritual dos moradores da Colônia. Desse modo, a ação educativa dos franciscanos pretendeu levar os nativos à compreensão de si mesmo, de seu ser, no reconhecimento da necessidade de mudança, para a formação do novo homem em sua plenitude.

4 A CONCEPÇÃO DE HOMEM E DE EDUCAÇÃO ELABORADA PELOS FRANCISCANOS

O projeto educativo dos franciscanos pretendia reproduzir determinados valores que tinham por objetivo a formação de um determinado perfil de homem. Essa concepção, elaborada pela Ordem, apoiou-se nos princípios elaborados por Francisco de Assis. Esse religioso de Assis defendeu o princípio da *Imitatio Christi*, a observação do Evangelho e a vida de pobreza como centro da espiritualidade da Ordem Franciscana. Diferente da tradição monástica, o cristocentrismo franciscano recorda a passagem do Deus-homem na Terra, imitando Cristo em suas ações e exemplos. Como primeiros missionários a expandir os fundamentos básicos da fé cristã entre os índios, foram assim, formando o homem do Brasil (ZAVALLONI, 1999).

As raízes da cultura brasileira no trabalho dos franciscanos priorizavam o cultivo do homem em seus diferentes campos de trabalho, destacando não apenas o domínio das ciências, mas o desenvolvimento do ser integral. A busca da sabedoria não deveria levar à exaltação, mas para melhor servir ao semelhante.

Para os franciscanos, a busca da ciência não deveria servir apenas para a obtenção do conhecimento, mas para que o próprio educador fosse por ela aperfeiçoado em uma vida de santificação, para amar, agir e viver (SANGENIS, 2006). A função do educador era imprimir na vida de seus alunos, a forma de vida de Cristo, e que estes O imitassem nos costumes.

Nesse sentido, a prática pedagógica franciscana instiga em seus alunos a vivência de valores essenciais para a construção de uma sociedade mais humana que corresponda aos valores defendidos por seu fundador, como os de paz, amor, justiça, respeito, solidariedade, tolerância, honestidade, responsabilidade, tidos como imprescindíveis ao propósito da vida. E essa foi uma das contribuições dada pelos franciscanos na formação do homem brasileiro (MIRANDA, 1969).

Pela dedicação e desprendimento em favor dos indígenas, os frades os cativaram porque se assemelhavam a eles. Na familiaridade com os animais, na relação com o mundo vegetal, na abnegação por bens materiais, na generosidade em repartir o que possuíam, esses homens demonstravam o que é importante na vida e o que é concebível para a formação do humano. Onde os colonos viam lavoura, engenhos, poder e índios como escravos, os missionários viam pessoas a serem convertidas, embora estivessem cientes das tramas, inconstância e vingança dos nativos.

A prática pedagógica franciscana dava ênfase ao pleno desenvolvimento do ser humano: seu caráter, sua cognição, a relação com o mundo, com Deus e com os homens. Na concretização desse objetivo, os franciscanos usaram de métodos para aproximarem-se dos nativos.

Como método de aproximação dos indígenas, os frades franciscanos estudavam sua cultura, suas crenças, apropriavam-se da língua dos nativos e amenizavam a animosidade que havia entre os índios e os novos visitantes. O envolvimento dos frades em regiões de conquista e evangelização tivera propósitos definidos em conformidade com as autoridades e as razões políticas institucionais que os guiavam. Dessa forma, a presença desses primeiros missionários no Brasil Colônia, não pode ser entendida, assim como apresenta a literatura histórica, como esporádica e sem maiores influências (IGLESIAS, 2010).

Os franciscanos, nos diversos locais onde se instalaram, praticavam a instrução. Nos Conventos, não ministravam apenas a catequese, mas também o ensino, entendido aqui como processo formalizado para produzir e transmitir conhecimentos. No Convento de Olinda (o primeiro da Ordem no Brasil), os franciscanos fundaram um educandário para os filhos dos índios, onde os instruíam na leitura, escrita, canto e música. Neste educandário “além do catecismo da doutrina cristã, aprendiam os filhos da selva a ler, escrever, fazer contas, cantar e tocar instrumentos musicais” (WILLEKE, 1961 apud IGLESIAS, 2010, p. 327).

Esse sistema de ensino foi estabelecido nas diversas capitanias, onde os frades reuniam os nativos nas aldeias e os instruíam nas escolas, que eram construídas junto à capela ou a residência dos missionários, facilitando o acesso a crianças e jovens que moravam distantes dos Conventos. O trabalho de desenvolvimento cultural e educativo dos franciscanos nessas escolas não se limitou ao ensino de primeiras letras. Esses estabelecimentos de ensino mantiveram graus de instrução que ultrapassaram o ensino elementar. Neles se ensinava à gramática, artes e ofícios.

De acordo com Miranda (1969, p. 78):

As primeiras iniciativas desses franciscanos, que, aliás, não abandonaram a visita aos doentes do Hospital, como aos da vila, e também aos pobres, foram, de imediato, a ampliação do edifício em que habitavam, e isto motivado pelo número de vocações que iam aparecendo, e a catequese de índios, tendo para isto construído um “Seminário”, ou internato para meninos indígenas, dentro da cerca do convento, com o fim da catequese. Era a instrução elementar que lhes era ministrada, sem nenhuma finalidade de formá-los ou prepará-los ao estado religioso ou sacerdotal. Ao lado daqueles rudimentos de ensino, estava a doutrina, e era, sobretudo com o canto e a música, tão do gosto do selvícola, que os primeiros franciscanos conquistavam a população aborígine [...].

O ensino era destinado a todos os grupos, e não somente aos filhos dos colonos. Segundo a pesquisadora Tânia Conceição Iglesias:

O Convento e mesmo as escolas paroquiais, serviam tanto para os índios como para os colonos; o Convento abrigava tanto as escolas para indígenas em sistema de internato, quanto aos demais indígenas em sistema de externato; foram usados tanto para a formação cultural dos indígenas quanto para a formação sacerdotal; as escolas serviam ao mesmo tempo para a catequese e para a instrução (IGLESIAS, 2010, p. 329).

Ao longo do período Colonial, os franciscanos praticaram os seguintes níveis de ensino: ensino elementar, ensino secundário e o ensino superior. A estrutura e funcionamento dessas atividades educacionais se davam do seguinte modo: No ensino elementar funcionava a escola de primeiras letras em regime de internato para os indígenas; escola de primeiras letras interclassista; escola de artes e ofícios.

A escola de primeiras letras em regime de internato para os indígenas era destinada aos filhos dos chefes das aldeias, e exclusivamente à classe masculina. Essas escolas eram edificadas junto aos Conventos, sendo praticado o ensino da catequese, leitura, escrita, rudimentos da matemática, música vocal e instrumental.

A escola de primeiras letras interclassista, atendia aos filhos de índios e filhos dos colonos. Eram construídas junto às capelas e residências dos frades, sendo os missionários os próprios professores. As escolas de artes e ofícios funcionavam juntamente ao ensino elementar.

O ensino secundário funcionou como escolas de gramática em regime de externato interclassistas e era destinado tanto aos nativos como aos colonos. Funcionavam junto aos Conventos, e nas aldeias onde os frades mantiveram aulas.

O ensino superior era destinado à formação dos frades, sendo ministrados estudos sobre Filosofia, Artes e Teologia para a formação religiosa, funcionando nos Conventos onde existiam Seminários (IGLESIAS, 2010).

Ainda que a estrutura educacional tenha provavelmente funcionado de forma precária, devemos compreender que o esforço pedagógico dos franciscanos, foi pensado e planejado. Para os frades, a ciência era necessária para o reconhecimento do Criador pela criatura, o que possibilitava não apenas o entendimento da ação divina, mas também a importância de compreender a filiação divina do homem. O acesso aos livros, nas grandes ou pequenas bibliotecas, levava ao aprofundamento das verdades consideradas eternas e assim, o estudo dirigia o homem a Deus, e esta união iluminava todo o estudo.

Diferentemente, a educação, no Brasil Colonial não se limitou apenas a catequese. O ensino de conteúdos formativos se fez presente no trabalho dos frades desde que aqui se estabeleceram. No projeto de colonização português, a evangelização teve como finalidade a acomodação social dos povos nativos. Porém, atrelado a este propósito, estava à tradicional prática educativa da Ordem franciscana, que manteve sua estrutura educacional, já realizada em outros momentos dos descobrimentos. Para disseminação da cultura europeia entre os povos nativos, a educação serviu de base e sustentação para edificação dos valores defendidos, para que, cristianizados e educados moral e intelectualmente, os indígenas fossem capazes de sustentar os ideais de cristandade almejados.

A contribuição dada pelos franciscanos no campo educacional colonial brasileiro, por meio dos métodos de evangelização, configurou nos sistemas de educação que, através dos tempos, foram tomando novas nuances e se mantiveram como modelo para a atividade educativa aqui estabelecida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O historiador britânico Eric Hobsbawm, em seu livro *Sobre História* (1998), afirmou que o passado é uma dimensão constante da consciência humana. Em razão disso, o passado é uma ferramenta analítica útil para lidar com as mudanças sempre permanentes. Diante dessa perspectiva de valorização do passado, situa-se a importância e o papel do historiador, em particular o da educação: a ele se atribuiu a incumbência de pensar como a humanidade passou de um estágio a outro, isto é, descobrir os padrões e mecanismos das mudanças históricas.

É essa, em grande parte, a contribuição que a educação franciscana pode oferecer aos educadores e historiadores da educação: o retorno as nossas origens e ao passado educativo, a fim de apreender os mecanismos das mudanças que ocorreram na formação do homem brasileiro. No momento, a retomada dessa discussão é necessária, porque presenciamos o predomínio de práticas educativas descontextualizadas que tendem a valorizar a prática pela prática como resposta aos problemas pedagógicos, cada vez mais graves e exigentes de respostas fundamentadas.

Atualmente, mais do que nunca, perspectivas pedagógicas que oferecem alternativas rápidas são assumidas, ao gosto de medidas políticas e princípios ideológicos definidos. Ao educador e pesquisador da educação, o dever que a ele é imputado não é o de ser prestador de serviços propagandísticos, mas o de formador da pessoa humana em sua totalidade: ser pessoa autônoma, livre e produtiva, são requisitos fundamentais para a sua realização. Para tornar possível a formação do homem em sua totalidade é necessário ter uma educação que instrumentalize e contemple os mesmos objetivos.

Assim sendo, a análise da atuação franciscana no processo educativo do Brasil Colônia, tem seu lugar: na medida em que priorizava a formação religiosa, prática produtiva e filosófica, respondiam as exigências que tinham. Enfim, ao pensar o homem de maneira integral, conceberam uma educação que visava o cumprimento do objetivo pretendido.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. A. S. **A construção da norma no movimento franciscano**: Regulae e Testamentum nas práticas jurídicas mendicantes (1210-1323). 2010. 263 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2010.

BOXER, C. R. **O Império Marítimo Português**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BUENO, E. **A viagem do descobrimento**: a verdadeira história da expedição de Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

DEL ROIO, M. **O Império Universal e seus Antípodas**: a ocidentalização do mundo. São Paulo: Ícone, 1998.

ESCRITOS de São Francisco de Assis. Tradução e edição crítica de Caetano Esser-OFM: Die Opuscula Des HI. Franziskus Von Assisi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

GÂNDAVO, P. de M. **A primeira história do Brasil**: história da Província da Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GRUZINSKI, S. **A passagem do século: 1480-1520.** As origens da globalização. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HOBSBAWM, E. **Sobre história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IGLESIAS, T. C. **A experiência educativa da Ordem Franciscana:** aplicação na América e sua influência no Brasil Colonial. 2010. 408 f. Tese (Doutorado em História, Filosofia e Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

ILHA, F. M. da. **Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil: 1584-1621.** Petrópolis: Vozes, 1975.

JABOATAM, F. A. de S. M. **Novo Orbe Seráfico Brasilico ou Chronica dos frades menores da Província do Brasil.** Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858.

JOHNSON, H. B. A Colonização Portuguesa do Brasil, 1500-1580. *In:* BETHELL, L. (org.). **História da América Latina: a América Latina Colonial I.** São Paulo: Edusp, 1998.

LOPEZ, L. R. **História do Brasil Colonial.** 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

MIRANDA, M. do C. T. de. **Os franciscanos e a formação do Brasil.** Recife: Imprensa Universitária, 1969.

OLIVIERI, A. C. **Índios - O Brasil antes do descobrimento.** 2014. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/indios-o-brasil-antes-do-descobrimento.htm>. Acesso em: 01 mar. 2020.

PONTIN, R. de A. L. **As bulas e Tratados dos séculos XV, XVI e XVIII na história do Direito Brasileiro:** seus reflexos na América Portuguesa. 2012. 200 f. Monografia (Conclusão do curso de Direito) – Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2012.

PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil.** 38. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

SANGENIS, L. F. C. **Gênese do pensamento único em educação:** Franciscanismo e Jesuitismo na História da Educação Brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

ZAVALLONI, R. **Pedagogia franciscana:** desenvolvimento e perspectivas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SOBRE OS AUTORES

Maria do Carmo Gonçalves da Silva Lima

Graduada em Pedagogia. Especialista em: Psicopedagogia Institucional (CESUMAR); História e Sociedade (UEM). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, UEM, Brasil. Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, UEM, Brasil.
Contato: mcgs.lima@hotmail.com

Célio Juvenal Costa

Graduado em Filosofia. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, UEM, Brasil. Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, UNIMEP, Brasil.
Contato: celio_costa@terra.com.br